



SANCHEZ, Wagner Lopes. *Pluralismo Religioso: as religiões no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2005, 141 pp – (Coleção temas do ensino religioso).

Nas primeiras páginas do livro de Sanchez contamos com uma bela apresentação da coleção feita pelo seu coordenador, Dr. Afonso Maria Ligório Soares. Ele nos mostra que os livros pertencentes à coleção "foram pensados como subsídio para a formação dos docentes de Ensino Religioso e de disciplinas afins dos ensinos fundamentais e médio" (p. 08). A grande dificuldade do tema talvez seja a de encontrar autores que não estejam vinculados a qualquer denominação cristã, pois qualquer indivíduo que aceite uma determinada cosmovisão ao avaliar outra distinta da sua, sempre o faz de forma apologética, triunfalista e proselitista. Contudo, o Dr. Afonso L. M. Soares declara que essa não será uma constante nas obras que compõem a coleção. Ele esclarece que o olhar que se pretende lançar sobre o fenômeno religioso não é confessional nem pertence a esta ou aquela 'teologia'. Os temas estudados têm como base epistemológica as Ciências da Religião (p. 08). Também devemos lembrar que não existe alguém que não esteja envolvido com o objeto do seu trabalho. Gunnar Myrdal declara que "uma ciência social 'desinteressada' nunca existiu e, por razões lógicas, não pode nunca existir". Wagner Lopes Sanchez é assistente-doutor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP e vice-diretor da Faculdade São Luiz (SP). É membro do Conselho Superior do CESEP – Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular e autor de artigos na área de ciências da religião.

A obra é composta de seis capítulos aos quais irei comentar um por um a seguir. O primeiro capítulo discute a questão das diferenças no mundo atual. O autor mostra que a experiência é decisiva para nossa compreensão das pessoas, do mundo, da sociedade e da história (p. 15). Por meio da experiência constatamos que somos diferentes das outras pessoas e do mundo. Aos poucos, vamos descobrindo que as pessoas têm características que as diferem de nós, o que vale também para as culturas. A essa experiência chamamos de experiência da alteridade (p. 16). O autor mostra que hoje, mais do que nunca, a reivindicação do direito à diferença desponta como uma bandeira que se acrescenta e redimensiona o lema da Modernidade: igualdade, liberdade e fraternidade (p. 19).

O segundo capítulo fala da modernidade e o pluralismo religioso. Sanchez explica que o que caracteriza a modernidade é a transitoriedade e a ruptura. Modernidade é a negação de qualquer forma social pré-moderna e, portanto, está marcada pela descontinuidade histórica, pela transitoriedade. Além disso, a Modernidade envolve um processo interminável de rupturas e fragmentações que pode ser constatado nos dias atuais nas diversas esferas da vida social (p.27). Citando Harvey, Sanchez expõe o conceito de destruição criativa, o qual é característico da Modernidade: "A imagem da destruição criativa é muito importante para a compreensão da Modernidade, precisamente porque derivou dos dilemas práticos enfrentados pela implementação do projeto modernista. Afinal, como poderia



um novo mundo ser criado sem se destruir boa parte do que viera antes?” (p.27). A mudança, na Modernidade, passa a ser compreendida como um processo simultâneo de criação e destruição. Destarte, baseado nisso, o autor define Modernidade como “um estilo de vida, de organização social e uma forma de representação da realidade que se desenvolve sobretudo a partir de meados do século XVII, na sociedade européia, e que foi apropriado pelo capitalismo, no qual a destruição criativa e a razão instrumental são suas marcas registradas” (p.29). Para mostrar a relação entre Modernidade e pluralismo religioso, Sanchez ainda recorre a um outro aspecto da Modernidade: a secularização. Ele define secularização “como o processo desencadeado pela Modernidade em que a religião perde o lugar de referência primordial para a compreensão do mundo. Do ponto de vista político-institucional, a Igreja católica romana perde o lugar de matriz religiosa e tem seu papel político diminuído. Com isso, abre-se a possibilidade para a separação Igreja-Estado, que vai marcar a vida política moderna”. (p.30). Tendo definido Modernidade e secularização, o autor pôde apontar que tanto uma quanto a outra são fundamentais para o pluralismo religioso (p.39).

O terceiro capítulo discute o tema do diálogo inter-religioso. Sanchez inicia sua exposição recorrendo a dois conceitos que são fundamentais para a existência do diálogo inter-religioso: flexibilidade e dialogicidade (p.55). “A flexibilidade é a capacidade que uma religião tem de movimentar-se no campo religioso, atendendo às diversas expectativas daqueles e daquelas que buscam responder às suas inquietações de ordem religiosa. A Dialogicidade da religião é definida como sendo o potencial de uma religião em dialogar com as mudanças mais gerais em curso na sociedade, sobretudo aquelas que afetam o campo religioso, e em incorporar elementos de outras expressões religiosas num processo de mixagem religiosa” (p.55s.). Sanchez mostra o quanto é importante para uma determinada religião a sua abertura para o diálogo inter-religioso. Ele diz: “A abertura de uma religião para o diálogo inter-religioso e, como decorrência, para a convivência pacífica e para cooperação é, atualmente, um dos critérios utilizados na sociedade ocidental para reconhecer a legitimidade desta. Uma religião que não aceita dialogar e que é intolerante em suas posições tem dificuldade para ser reconhecida. Num mundo plural, que não admite mais a posição hegemônica de uma ou outra religião e que defende a liberdade religiosa, a abertura para o diálogo inter-religioso é fundamental para a consolidação do pluralismo religioso” (p.59). Nesse mesmo capítulo, o autor aponta as diversas posições do cristianismo frente às demais religiões: a exclusivista, inclusivista e pluralista.

No quarto capítulo o autor parte para o tema do ecumenismo. Mostra um bom conhecimento da história dos primórdios cristãos, o que é louvável no quadro atual dos teólogos. Corretamente, Sanchez afirma que a diversidade sempre foi uma característica presente no cristianismo desde os primeiros séculos (p.80). Sendo assim, mostra o autor que, a diversidade presente no cristianismo é uma riqueza que precisa ser valorizada para ser compreendida. Nas linhas a seguir, Sanchez explica a questão de forma muito clara: “Ainda hoje presenciamos um processo de diversificação do cristianismo com o surgimento de Igrejas e movimentos cristãos. Por



um lado, podemos examinar esse fenômeno de forma negativa, como algo que dificulta a unidade tão desejada por muitos cristãos. Por outro lado, esse dado pode ser visto de forma positiva se entendermos que essa diversidade, em princípio, não é necessariamente um obstáculo à unidade no cristianismo. O obstáculo à unidade no cristianismo está na dificuldade em reconhecer a legitimidade dos diferentes modelos de cristianismo. O que divide as igrejas cristãs não é, portanto, as diferentes doutrinas, teologias, liturgias, eclesiologias e ministérios existentes. Essas diferenças existiram no início do cristianismo e não foram empecilho para a convivência entre os cristãos” (p.80). Conclui o autor que o pressuposto para existir o ecumenismo é a aceitação, por parte das Igrejas cristãs, das demais. No restante do capítulo, Sanchez mostra os modelos propostos de unidades: o modelo de unidade de Karl Rahner, Henrich Fries e Oscar Cullmann.

No quinto capítulo, Sanchez chama a atenção para a diversidade religiosa brasileira. Diz ele que devido a essa riqueza, o estudioso das religiões sente uma grande dificuldade em formular uma tipologia que permita compreender adequadamente o campo religioso (p.103s.). No último capítulo, Sanchez aborda o tema do pluralismo religioso no Brasil. Mostra ele que o campo religioso brasileiro caracterizou-se, até o final do século XIX, pela hegemonia e pelo monopólio legal por parte do catolicismo, em decorrência da configuração do projeto colonial implantado no Brasil. Após o século XIX houve o ingresso das Igrejas protestantes históricas e a partir do século XX, as Igrejas pentecostais começaram a instalar-se no Brasil.

A obra de Wagner Lopes Sanchez apresenta qualidade na exposição e dá uma boa impressão do que consiste realmente o pluralismo religioso. O autor se faz um bom exemplo de como será o teólogo do século XXI. Será aquele que considerará as outras formas de expressões religiosas, busca o entendimento intracristão, se empenhará no diálogo ecumênico. O autor seguiu a objetividade necessária para se fazer ciência teológica. Como nos recomendou Myrdal “a única forma pela qual podemos nos esforçar pela objetividade na análise teórica é pelo processo de expor as valorações à luz, tornando-as conscientes e explícitas, permitindo assim que elas determinem a investigação teórica.¹ Sendo assim, o livro *Pluralismo Religioso: as religiões no mundo atual* é leitura indispensável para os docentes de Ensino Religioso e também àqueles que virão a fazer teologia no futuro, ou seja, estudantes de teologia e seminaristas.

Julio Fontana*

¹ MYRDAL, Gunnar, *Objectivity in Social Research*, 1969, p. 55.

* O autor possui 26 anos, está graduando em teologia, funcionário público, autor de inúmeros artigos e resenhas publicadas nas revistas Inclusividade do Centro de Estudos Anglicanos e Teologia e Cultura da Editora Paulinas. Qualquer dúvida ou sugestão enviar um e-mail para juliofontana@click21.com.br.